

E D U A R D O S C H E I D T

Representações de América
no pensamento de Francisco Bilbao

Recebido em: 03/2007 * Parecer: 06/2007

EDUARDO SCHEIDT: Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, professor adjunto do Programa de Mestrado em História da Universidade Severino Sombra e professor da Universidade Gama Filho. • E-mail: escheidt@uss.br

Resumo

O presente artigo versa sobre representações de América elaboradas por um destacado intelectual latino-americano do século XIX: o chileno Francisco Bilbao. Analisamos algumas das principais obras do autor, publicadas em diferentes períodos de sua trajetória intelectual, nas quais percebemos semelhanças e diferenças em suas percepções sobre a América e projetos políticos para o subcontinente.

Palavras-chave: América Latina; história das idéias; representações.

Abstract

This article deals with representations of America which were developed by an important Latin-American intellectual: the Chilean Francisco Bilbao. We have analyzed some of his mainly works of different periods of his intellectual trajectory, in which we have observed similarities and differences in his view to Latin-America and his politic projects for the continent.

Key words: Latin America; history of ideas; representations.

Citação:

Scheidt, Eduardo. Representações de América no pensamento de Francisco Bilbao. *Dimensões*, n. 19 (2007), Vitória (ES), NPIH/Ufes, 27-47.

Ao longo do século XIX, os agentes históricos latino-americanos olharam para e refletiram sobre o subcontinente em diversas conjunturas, construindo distintas representações de América. Durante o processo das independências, essas representações expressavam sentidos essencialmente políticos, articulando-se a idéia de América com outras, tais como república, nação, revolução, liberdade e independência. Ser americano era entendido menos como ser alguém nascido neste continente do que um defensor da independência e do republicanismo contra a monarquia, identificada com o colonialismo europeu. Em décadas posteriores, representações de América eram intrincadas com as de nação, durante o longo e conturbado processo de construção dos Estados nacionais. De meados ao final do século, à caracterização prioritariamente política foram sendo agregadas questões culturais, tais como língua, “raça”, tradições e costumes das populações. Foi a época em que as elites liberais dirigentes, influenciadas por ideários europeus, reproduziram discursos cientificistas e racistas nos embates entre “civilização” e “barbárie”.

A historiografia tradicional costuma caracterizar a história política latino-americana do século XIX em três momentos. Primeiramente, o da independência e “fundação” dos novos Estados, seguido de um longo período de guerras civis e desagregação política, identificado pela “incapacidade” das elites políticas locais de governarem. Finalmente, a partir da segunda metade do século, iniciaria o período de consolidação dos novos Estados nacionais, com a ascensão das elites liberais, sob inspiração de idéias e modelos europeus e norte-americanos. Foi quando se internalizaram, entre nossos dirigentes políticos, as concepções cientificistas da “civilização” européia e da “barbárie” americana. A única saída seria a imigração de populações européias para “civilizar” a América.

Entretanto, a nova historiografia política tem demonstrado a complexidade da sociedade da época, na qual havia mais de uma tendência em cada período, apontando para uma gama de projetos políticos e de idéias sobre a América. Naquele contexto, diferentes setores da sociedade pensaram e construí-

ram distintos projetos para a sociedade e para a América. Em sintonia com o historiador norte-americano Robert Darnton, pensamos que cabe ao historiador adentrar-se na reconstituição dos diversos projetos: “Os historiadores sociais das idéias tentam acompanhar o pensamento entre todo o tecido da sociedade. Querem penetrar no mundo mental dos filósofos e das pessoas comuns” (Darnton, 1990: 192). A partir desses pressupostos, pretendemos reconstituir as representações de América pensadas por um importante intelectual latino-americano do século XIX: o chileno Francisco Bilbao¹.

Bilbao nasceu em Santiago, a 9 de janeiro de 1823. Em 1842, integrou-se ao movimento intelectual “Sociedade da Literatura”, surgido no mesmo ano de fundação da Universidade do Chile, sob a liderança de Andrés Bello, Victorino Lastarria e Eusebio Lillo. Em 1844, publicou seu primeiro livro, *La Sociabilidad Chilena*, cujo conteúdo radical suscitou profunda comoção entre os conservadores chilenos, a ponto de a obra ser queimada em praça pública. As repercussões de seu livro custaram-lhe um exílio no exterior, entre 1844 e 1850, durante o qual participou ativamente dos movimentos revolucionários de 1848, na França, ao lado de Edgar Quinet e Jules Michelet. No retorno a seu país, fundou, juntamente com seu compatriota Santiago Arcos, a “Sociedade da Igualdade”, com o intuito de congregiar os intelectuais e setores populares, excluídos da participação política. Bilbao redigiu os princípios políticos da associação e contribuiu com artigos para seu periódico, denominado *El Amigo del Pueblo*. O rápido crescimento dos igualitários assustou o governo, levando à decretação de estado de sítio e ao fechamento da organização. Na clandestinidade, Bilbao e seus companheiros protagonizaram uma tentativa de insurreição, em 1851, logo sufocada pelo governo, o que obrigou o autor a um novo período de exílio, dessa vez no Peru. Devido a seu envolvimento em movimentos revolucionários no país vizinho, foi forçado a se refugiar novamente na Europa, instalando-se em Paris, no ano de 1855. Durante o novo exílio europeu, procurou organizar politicamente os refugiados da América Latina. No ano seguinte, publicou *La Iniciativa de América*, propondo a união dos latino-americanos. De volta ao continente, fixou residência, no ano de 1857, em Buenos

¹ Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, denominada “Intelectuais utópicos latino-americanos em meados do século XIX: representações de nação e de América nas obras de José Inácio de Abreu e Lima, Esteban Echeverría e Francisco Bilbao.” O projeto está em andamento junto ao Programa de Mestrado em História da USS e é financiado pela Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE).

Aires, onde fundou a *Revista del Nuevo Mundo*. Embora estivesse vivendo na capital portenha, o autor deu apoio a Justo José Urquiza e à Confederação, posicionando-se contra o Estado independente de Buenos Aires. Também naquela cidade, publicou duas de suas obras mais importantes: *La América en Peligro* e *El Evangelio Americano*, em 1862 e 1864, respectivamente. Faleceu a 19 de fevereiro de 1865, vítima de infecções pulmonares.

Neste trabalho, analisamos algumas das principais produções bibliográficas do autor, produzidas em meio a suas ativas participações nos acirrados debates ideológicos, durante o conturbado processo de construção dos Estados nacionais no subcontinente². Selecionamos para nossa análise três de suas principais obras, publicadas ao longo de diferentes momentos da trajetória intelectual do autor. Iniciamos com a análise das representações de América na obra *Sociabilidad Chilena*, primeiro livro de Bilbao, escrito no Chile antes de suas viagens de exílio. Em seguida, tratamos da obra *El Congreso Normal Americano*, publicada em 1856, durante seu exílio em Paris. Finalmente, analisamos o livro *La América en Peligro*, que veio à luz em 1862, quando o intelectual chileno estava radicado há meia década na Argentina. Percebemos mudanças e permanências no pensamento do autor nesses três momentos de sua produção intelectual.

Imbuído de idéias utópicas e radicais, Bilbao elaborou distintos projetos para os novos países latino-americanos, fundamentados em particulares caracteriza-

² Processo complexo, conturbado, vivido de diferentes maneiras conforme distintos sujeitos históricos, o surgimento de nações é tema de crescente relevância na historiografia política recente. Embora marcados por inúmeras dificuldades, os estudos sobre a “nação” têm suscitado interesses cada vez maiores entre os pesquisadores. Na Argentina, por exemplo, a questão das origens da nação voltou a ser discutida, a partir das pesquisas renovadoras do historiador José Carlos Chiaramonte, que lançou a tese de que as nacionalidades latino-americanas, ao contrário do que a historiografia costumava afirmar até então, seriam inexistentes na época da independência e primeiras décadas posteriores (Ver José Carlos Chiaramonte. *El mito de los orígenes en la historiografía latinoamericana*. Cuadernos del Instituto Ravignani, n. 2. Buenos Aires: Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani, 1991). Os posicionamentos do autor têm estimulado polêmicas, como o debate com a historiadora Pilar González Bernaldo, autora de um artigo no qual discorda do seu colega, argumentando que a questão da nação já teria importante relevância no momento da emancipação, embora com significados bastante distintos dos momentos históricos posteriores (Pilar González Bernaldo. “La ‘identidad nacional’ en el Río de la Plata post-colonial: continuidades y rupturas con el antiguo régimen.” In: *Anuario del IEHS “Prof. Juan C. Grasso”*, n. 12. Tandil: Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 1997, p. 109-122). Para mais detalhes sobre a discussão historiográfica acerca da construção da nação no Rio da Prata, consultar também minha tese de doutorado: Eduardo Scheidt. *Representações de nação por periodistas italianos na Região Platina (1827-1860)*. São Paulo: USP, 2004.

ções sobre a América. Em nossa pesquisa, utilizamos um conceito amplo de “utopia”, proposto por Bronislaw Baczko. Para o autor, o termo é polissêmico, mudando continuamente de significado ao longo do tempo e conforme os indivíduos e/ou grupos sociais que dele fazem uso. Baczko não propõe um conceito formal de utopia, e, sim, procura demonstrar como o termo vem sendo aplicado em diferentes contextos. Dessa forma, compartilhamos com o autor de suas reflexões sobre o século XIX, nas quais ele afirma que as representações utópicas reúnem um conjunto de “[...] promessas e esperanças, mais ou menos vagas e difusas, elaborando-as, estruturando-as e traduzindo-as, por fim, em imagens de uma outra sociedade em ruptura, variavelmente radical com as realidades existentes.” (Baczko, 1985: 377). Nesse sentido, entendemos que as utopias abarcam um conjunto amplo de correntes e pensadores, caracterizados por representações distintas de suas sociedades, mas sempre propondo alternativas, geralmente marcadas por propostas radicalizadas e muito diferentes do mundo que os acercava. É característico dos utópicos, pois, buscar a transformação da sociedade em que vivem, propondo a construção de algo radicalmente diferenciado.

Para o conceito de representação, fundamentamo-nos em Roger Chartier, para quem as representações se entrelaçam com as lutas políticas, tendo um relevante papel nos atos de persuasão sobre o conjunto da sociedade, com intuito de conquistar um maior número de adeptos para determinadas concepções. Sobre esta questão, o autor afirma que:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. [...] As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (Chartier, 1990: 17).

Compartilhamos com o autor a perspectiva de que as lutas de representações são tão importantes quanto as econômicas. É a partir das idéias que as pessoas são impelidas a participar de processos de transformação social ou, em outros casos, a lutar contra sua execução. Desse modo, as representações agem sobre a realidade, modificando-a, transformando-a ou tentando conservá-la.

* * *

Em seu primeiro livro, *Sociabilidad Chilena*, Bilbao adentrou-se na história do Chile e da América em geral. Ao longo da obra, expressou suas idéias sobre seu país e o subcontinente no momento em que os conservadores chilenos completavam uma década e meia de hegemonia no poder. O autor, pois, fez uma crítica ferrenha à então situação política e aos governantes do Chile.

No início do livro, o intelectual chileno debruçou-se sobre o passado colonial, identificando-o com a Espanha. Segundo ele, a ex-metrópole seria a “Idade Média”, caracterizada pelo feudalismo, autoritarismo e catolicismo. Foi esse legado “bárbaro” e de obscuridade que a Espanha deixou para a América. Bilbao enfatizava o papel da Igreja Católica, identificada como aliada da monarquia absoluta, especialmente na função de doutrinar a população, ou seja, o catolicismo era por ele apontado como sustentáculo ideológico do poder dos reis espanhóis. Além disso, o autor acusava a Igreja de desvirtuar o “verdadeiro” propósito do cristianismo, que seria a luta por uma sociedade mais democrática e fraterna. O catolicismo, ao contrário desse propósito, teria se convertido em sustentáculo do autoritarismo e da desigualdade. Certamente por ter essa perspectiva, a primeira obra de Bilbao foi duramente criticada pelos religiosos de seu país, que persuadiram o governo a proibi-la e queimá-la em praça pública.

A América Colonial, assim como a Espanha, tinham constituído uma verdadeira sociedade, já que havia unidade de *creencia*³. Para a construção de uma outra sociedade, seria inicialmente preciso, conforme o pensamento do autor, um novo conjunto de idéias e propostas calcadas em novas mentalidades e atitudes. Essa futura sociedade estaria gestando-se nas idéias iluministas.

Nesse sentido, nosso autor deu destaque às influências da Revolução Francesa no processo de independência da América. Se o passado fora legado pela Espanha medieval, a idade “nova” estaria chegando ao continente americano através da França. A “Revolução Americana”, sob a ótica de Bilbao, estaria fundamentada na Francesa e proporcionaria a destruição do autoritarismo feudal e a edificação

³ Optamos por manter o vocábulo na língua original, uma vez que a tradução para “crença” não condiz com o real significado da palavra atribuído por Bilbao em suas obras. *Creencia* seria o conjunto de idéias, concepções, mentalidades e atitudes de uma sociedade em um determinado contexto ou época histórica. A questão é de importância crucial no pensamento do autor, pois conforme sua perspectiva idealista, a “idéia domina a forma”, ou seja, seria pelas idéias comparilhadas pelos agentes sociais que as transformações históricas aconteceriam.

de um novo regime republicano, caracterizado pela igualdade social, democracia e liberalismo.

Como era recorrente entre os contemporâneos, o intelectual chileno identificava a América a partir de características essencialmente políticas, como o continente em que se construiu um regime republicano, igualitário e democrático, contrastando com a Europa monárquica, autoritária e marcada pelas desigualdades sociais. Entretanto, o autor, ao analisar a fundo as realidades chilena e latino-americana, fez sérias restrições àquelas características gerais. Segundo Bilbao, os revolucionários americanos cometeram diversos erros, como voltar-se para o passado e não completar a revolução, conforme percebemos no seguinte trecho de sua obra:

Los hombres que encabezaban la revolución reflexiva, hallándose ellos mismos impotentes para organizar las creencias lógicamente relacionadas con la libertad política, reaccionaron en religión y política para el pueblo. Así vemos en muchos pueblos el despotismo constitucional y el fomento de la predicación. Así fueron casi todos los gobiernos americanos al principio; así cayeron esas capacidades militares por la impotencia de organizar lógicamente la sociedad. (Bilbao, 1988: 19-20).

Para o intelectual chileno, uma revolução somente seria completa se fosse política, social e religiosa. Além da derrubado do regime autoritário, também seria preciso organizar uma nova sociedade, que não poderia prescindir do igualitarismo social, da extensão do direito de propriedade a todos, da educação de toda população e da liberdade religiosa. A Revolução Americana, entretanto, não foi capaz de completar esse processo, ficando restrita à questão política da manutenção do poder. Como não realizaram o conjunto de transformações necessárias, os líderes latino-americanos tiveram, inevitavelmente, que recorrer ao despotismo para se manterem no poder. É o que teria acontecido a Bolívar e O'Higgins: tiveram intenções nobres na emancipação da América, mas promoveram novas ditaduras, ao invés de avançar nas reformas e edificação do republicanismo.

Bilbao foi adiante em sua análise, afirmando que a “incompletude” da revolução teria dado espaço para a “ressurreição do passado”. Dessa forma, o regime conservador chileno, estabelecido muito em função da liderança de Diego Portales, representaria uma contra-revolução, já que se fundamentara em instituições e *creencias* do passado colonial, legadas pela Espanha. Nesse ponto, percebemos semelhanças entre o pensamento do autor e o dos inte-

lectuais rio-platenses da Geração de 1837⁴. Estes, igualmente, analisaram de forma crítica as experiências republicanas da América Latina, apontando para uma contra-revolução e suposta restauração do regime colonial, promovida pelo regime de Juan Manuel de Rosas.

O intelectual chileno não se restringiu aos “erros” dos líderes revolucionários latino-americanos para explicar o surgimento da dita contra-revolução. Analisando a base da sociedade chilena, ele identificou a partir de onde o processo contra-revolucionário estabelecera seus sustentáculos:

De aquí [regiões interioranas do Chile] se ve salir el espíritu tradicional de los hombres del caballo que pasan su vida vagando o dando vueltas alrededor de su círculo. Las creencias de nuestros huasos son católicas y españolas. Estas creencias de suyo tradicionales y tenaces, encarnadas en hombres cuyo espíritu es conservar y que no pueden por la vida que llevan presenciar espectáculos distintos, deben tener un completo desarrollo, de aislamiento, de barbárie y de conservación. El sur de Chile, la vecindad del elemento indígena, es el que posee las localidades más aparentes para conservar en la gente del caballo las tradiciones e creencias antiguas. Luego la reacción anti-revolucionaria, anti-liberal, debe salir de allí, o tener en su gente los sostenadores más decididos. (Bilbao, 1988: 25-26).

Na perspectiva de Bilbao, pois, as populações do interior e os indígenas haviam assimilado profundamente hábitos, costumes e valores da sociedade colonial. O isolamento, a “ignorância” e o “espírito selvagem” teriam contribuído enormemente para a manutenção das *creencias* tradicionais, impossibilitando a construção da sociedade republicana e fornecendo as bases sociais para o advento da contra-revolução. Além disso, nosso intelectual utiliza o termo “barbárie” para designar os habitantes das regiões interioranas e os indígenas,

⁴ O grupo que ficaria conhecido como “geração de 1837” surgiu a partir de um pequeno número de intelectuais dissidentes do regime rosista que fundaram, naquele ano, o “Salão Literário” em Buenos Aires e designaram a si mesmos como a “Nova Geração”. No ano seguinte, o grupo criou uma sociedade secreta, a “Jovem Argentina”. Devido às perseguições promovidas pelo regime, a maior parte dos integrantes do grupo refugiou-se em Montevidéu a partir de 1838, onde fundou a “Associação de Maio” e iniciou uma intensa atividade de oposição a Rosas na imprensa local. O grupo foi influenciado pelo romantismo europeu, principalmente por autores como Saint-Simon, Pierre Leroux, Lamennais e Giuseppe Mazzini. Os principais integrantes do grupo foram, além de Echeverría, os argentinos Juan Bautista Alberdi, Juan Cruz Varela, Miguel Cané e o uruguaio André Lamas.

contrastando com a “civilização” das cidades, onde os valores “modernos”, de origem européia, eram bem assimilados.

Essa dicotomia entre cidade e campo, sob a ótica da “civilização” *versus* “barbárie”, ficou consagrada a partir da publicação, em 1845, do livro *Facundo: civilização e barbárie*, do argentino Domingo Faustino Sarmiento. Embora este seja conhecido como o idealizador dessa perspectiva, chamamos a atenção para o fato de que Bilbao utilizou-se de um diagnóstico bastante semelhante em seu livro *Sociabilidad Chilena*, publicado no ano anterior ao de seu colega argentino. O fato de Sarmiento estar exilado em Santiago do Chile naquele momento sugere um intercâmbio de idéias entre os intelectuais de ambos os países.

No final de sua obra, Bilbao apontou os meios para se derrotar o regime reacionário. Para isso, seria necessário dar continuidade ao processo revolucionário. Coerente com suas orientações idealistas, para as quais as idéias é que transformam a realidade social, o autor argumentava que a elaboração de uma nova *creencia* seria o ponto de partida de uma nova revolução. Essa *creencia* fundamentava-se na ampla liberdade para todos os indivíduos, na igualdade social de fato, na soberania do povo, na democracia religiosa e na liberdade e igualdade política. Percebemos que, naquele momento histórico, de início da produção intelectual do autor, ele estava fortemente influenciado pelo liberalismo, acreditando que a aplicação da doutrina poderia proporcionar liberdade e igualdade entre todas as pessoas.

* * *

Em seu texto *El Congreso Normal Americano*, identificamos continuidades, mas também importantes alterações no pensamento de Bilbao. Publicado em 1856, durante seu segundo exílio na Europa, nele a questão das representações de América adquiriu maior destaque. Ele continuou a relacionar o termo “América” com o de “república”, dando prosseguimento, pois, à identificação do continente com o republicanismo, distinguindo-o da Europa, onde ainda eram majoritários os regimes monárquicos e despóticos, enquanto as revoluções eram lá derrotadas. Nosso autor acentuou esse antagonismo, percebendo a América republicana como uma exceção no mundo monárquico e despótico de então, e que o republicanismo caracterizaria nosso continente como um bastião da república e dos regimes democráticos.

No entanto, há diferenças nesse segundo texto analisado em relação ao primeiro. Bilbao foi além de uma caracterização política, fazendo uso de elementos

culturais para construção da identidade americana. Logo no início de seu texto, ele descreveu a América como um continente vasto, habitado por duas “raças”, que cultuam duas religiões, falam dois idiomas, mas que desenvolveram uma única forma política. Além da república, o continente era caracterizado pela presença de hispânicos e anglo-saxões, dos idiomas inglês e espanhol, bem como das religiões católica e protestante. Havia, pois, não uma e, sim, duas Américas.

Diferente do que era recorrente no início do século, nesse texto de 1856, Bilbao já fazia uma clara distinção entre as Américas do Norte e do Sul. Outra questão central no pensamento do autor era a proposta de união dos sul-americanos, que estariam enfrentando dois “perigos”: a Rússia e os Estados Unidos, ambos imbuídos do desejo de dominar o mundo. A primeira representaria o perigo da implementação da servidão, enquanto os segundos seriam perigosos devido ao “individualismo dos ianques”⁵.

Ao longo do texto, Bilbao procurou caracterizar os EUA de forma tanto elogiosa como crítica. O autor admirava o movimento de independência, sua revolução (que antecedeu à francesa) e a implementação do republicanismo. Mas afirmou que os norte-americanos “degeneraram” para o egoísmo individualista, levando-os a pretensões de dominar outros povos. Bilbao se referia à guerra contra o México, protagonizada alguns anos antes, após a qual os EUA arrebatarem mais de um terço do território então mexicano. Não há como deixar de comentar o quanto nosso autor soube perceber as futuras posturas imperialistas dos norte-americanos em relação aos demais países do continente. Bilbao foi um dos pioneiros em criticar o expansionismo norte-americano, num momento em que a maioria dos intelectuais e políticos latino-americanos viam no vizinho do norte um modelo a ser admirado e seguido.

Embora a distinção entre os EUA e o restante da América não fosse algo original, já que setores das elites latino-americanas já tinham começado a refletir sobre a questão, Bilbao deu um sentido contrário àquela diferenciação. Enquanto alguns intelectuais das elites viam o “progresso” e o “sucesso” do norte, contrastando com o “fracasso” e a “anarquia” do sul, nosso autor procurava demonstrar justamente o contrário, conforme o seguinte trecho de sua obra:

⁵ Temos plena consciência que não cabe ao historiador ser anacrônico. Entretanto, não podemos deixar de comentar um certo tom “profético” na obra do autor, tendo em vista a rivalidade entre os EUA e a URSS durante boa parte do século XX, que muitos identificam com projetos distintos (capitalista e “comunista”), mas com pretensões de dominação do mundo.

Hemos [os sul-americanos] hecho desaparecer la esclavitud de todas las Repúblicas del Sur, nosotros los pobres y vosotros [os norte-americanos] los felices y los ricos no lo habéis hecho; hemos incorporado e incorporaremos a las razas primitivas, formando en el Perú la casi totalidad de la nación, porque las creemos nuestra sangre y nuestra carne y vosotros las exterminais jesuiticamente.

[...]. Creemos y amamos todo lo que une; preferimos lo social a lo individual, la belleza a la riqueza, la justicia al poder, el arte al comercio, la poesía a la industria, la filosofía a los textos, el espíritu puro al cálculo, el deber al interés. (Bilbao, 1988: 281).

Em suas argumentações, Bilbao procurava caracterizar a América do Norte com elementos negativos e a do Sul com positivos. Embora os EUA fossem ricos e desenvolvidos, mantiveram a escravidão e exterminaram os indígenas, enquanto na América do Sul a escravidão fora abolida e haveria um respeito e incorporação das populações indígenas às sociedades. O autor tentava passar a idéia de que, em muitos aspectos, seriam na verdade os sul-americanos superiores em relação aos habitantes do norte. As populações do sul eram retratadas como preferindo o social ao individual, a justiça ao poder político, o dever para com a sociedade aos interesses egoístas.

É evidente que o autor construiu seu texto imbuído de discursos ideológicos. Sua caracterização da América do Sul é claramente idealizada, não representando em sua íntegra a realidade histórica do subcontinente. Os historiadores já demonstraram à exaustão que os indígenas foram mortos e explorados pelos colonizadores espanhóis e, quando incorporados à sociedade, o foram de forma excludente, processo este que teve continuidade após as independências. Além disso, os Estados nacionais, então em construção, estavam longe de realizarem na prática o discurso republicano e igualitário, já que a grande maioria da população ficou à margem dos direitos políticos e do acesso às riquezas produzidas. Entretanto, devemos avaliar o texto a partir do contexto em que foi redigido e publicado: ele foi escrito durante o exílio de Bilbao na Europa, quando o personagem envolveu-se num movimento pela unidade dos latino-americanos que estavam no exterior. Suas caracterizações idealizadas da América, naquela perspectiva, tinham o propósito de promover a união entre os países da América Latina, o que, como já mencionamos, foi um dos objetivos centrais de sua obra.

O intelectual chileno teceu críticas à questão nacional, combatendo com veemência a divisão da América em diversas nações. Afirmou que essa divisão seria o grande fator causador da pobreza e da inferioridade material, elementos

que o autor reconhecia como a desvantagem do sul em relação ao norte. Para superação de tal problema, ele propunha a unidade dos sul-americanos. A parte final do texto conclama pela convocação de um Congresso Americano, reunindo os países do sul do continente para discutirem os termos da unidade. Bilbao sugeria o estabelecimento de uma Confederação, que seria a “nação americana”, superando as divisões políticas em diversos países. Nosso autor retomou, portanto, o projeto bolivariano, demonstrando que o ideário de uma América unida não tinha sido completamente abandonado no século XIX. Embora os tempos fossem de organização e consolidação dos Estados nacionais, ainda havia vozes clamando pela unidade dos latino-americanos.

Conforme vimos, o livro *Sociabilidad Chilena* enfatizava a análise da realidade do país. Após vários períodos de exílio, na França e no Peru, Bilbao ampliou seus horizontes intelectuais, direcionando-se para uma perspectiva continental latino-americana, o que iria demarcar profundamente sua produção intelectual a partir de então.

* * *

Já no livro *La América en peligro*, publicado em 1862, quando Bilbao já estava estabelecido na Argentina desde 1857, percebemos algumas alterações nas idéias do autor no que tange ao nosso subcontinente. O livro foi escrito com o intuito de denunciar a invasão francesa do México. Na perspectiva de Bilbao, a independência americana e o próprio regime republicano estariam em perigo de sucumbir frente à invasão do europeu, identificado como colonialista, tirânico e monárquico. A imagem da América como o continente da liberdade política foi mantida, porque qualquer retrocesso acarretaria o desaparecimento do regime republicano não apenas no continente, mas em todo o mundo. No entanto, algumas alterações na análise da América e dos latino-americanos são notórias.

Em primeiro lugar, Bilbao abandonou a visão idealizada, adentrando-se em uma análise mais realista e crítica da América Latina. Nesse sentido, seus habitantes também seriam responsáveis pelo “perigo francês”, já que a invasão teria sido possível devido a erros do “inimigo interno”, que teriam deixado o subcontinente vulnerável.

O autor identificou três principais questões ou “erros”, apresentados como causa da vulnerabilidade latino-americana: a debilidade física, a incapacidade intelectual e o problema moral. Sobre a primeira questão, o intelectual chileno apontava a escassez populacional e as longas distâncias, que produziam isola-

mento das populações, proporcionando a persistência da “barbárie” e do “espírito local”. Note-se que Bilbao utilizava-se, inclusive, de um vocabulário pejorativo na descrição dessa problemática, demonstrando influências de idéias que circulavam entre os liberais latino-americanos da época, para os quais a América era “bárbara”, despovoada e “atrasada”.

O segundo “erro”, o da “incapacidade intelectual”, consistiria na insistência dos dirigentes políticos latino-americanos em buscar a conciliação entre catolicismo e republicanismo, questões que, para o autor, seriam incompatíveis, conforme citação abaixo:

La lógica deducción política del catolicismo es la teocracia: el Papado.

La lógica inducción dogmática del principio republicano es el RACIONALISMO.

Racionalismo y catolicismo se excluyen. El catolicismo anatematiza al racionalismo y este aniquila al catolicismo.

Es la contradicción. Un mundo en la contradicción se destruye, se enerva si no suprime uno de los contrários. La salvación está a ese precio. (Bilbao, 1988: 204-205).

Para justificar seus argumentos, Bilbao recorria aos regimes autoritários e ditatoriais que demarcaram a maior parte da vida política dos países nas décadas após as independências. Nesse sentido, o regime de Rosas era especialmente apontado como prova cabal do “erro” em tentar unir ideal republicano com catolicismo. Esse intuito só teria levado à ditadura, ao engano das massas, ao fanatismo e à obediência cega aos chefes políticos. A insistência em tentar conciliar os inconciliáveis poderia levar ao fim do regime republicano, como já teria acontecido no Paraguai de Francia e Solano López. Sobre esse aspecto, há um ponto interessante na concepção de Bilbao. Para ele, tanto o Paraguai como o Brasil não eram considerados pertencentes à América. O primeiro pelo “desaparecimento” da república, supostamente promovido pelo regime de Francia e o segundo por ter-se mantido monárquico. Percebemos, pois, como ainda era relevante a identificação do americanismo com o republicanismo.

Voltando-se às reflexões sobre a incompatibilidade entre catolicismo e republicanismo, nosso autor argumentava que a não observação desta “regra” resultara no estabelecimento de regimes ditatoriais, que manteriam a maioria da população na ignorância, na “barbárie” e na fé cega frente aos “caudilhos”.

O diagnóstico desenvolvido por Bilbao nesse texto é muito semelhante ao da maioria dos intelectuais da época, quando os liberais tinham ascendido ao poder em Buenos Aires com a queda de Rosas, em 1852. O evento abriu uma nova

etapa no conturbado processo de formação do Estado nacional argentino. Por quase uma década, a província de Buenos Aires constituiu-se num Estado soberano e independente da Confederação Argentina, cuja capital foi estabelecida em Paraná. Quando aportou em Buenos Aires, no ano de 1857, Bilbao inseriu-se num ambiente de fortes discussões ideológicas acerca da construção da nação. A maior parte dos projetos fundamentava-se nas idéias liberais, centrando-se na preocupação de “civilizar” o país e vencer a “barbárie”. Naquele ambiente, era impossível se manter totalmente alheio às concepções racistas e cientificistas.

Ainda que Bilbao compartilhasse do diagnóstico sobre a situação americana com os liberais, ele apresentava distintos fatores para a mesma. Enquanto a maioria dos dirigentes políticos latino-americanos via na suposta “inferioridade racial” e no determinismo geográfico as causas das mazelas americanas, Bilbao inovou ao culpar as próprias elites locais (para quem ele utilizava o termo de “ilustrados”) pela situação. Ao refletir sobre quem eram os culpados pela pobreza e ignorância da maioria da população latino-americana, o autor afirmou que:

Vosotros todos los que os llamois *ilustrados*, cuando sois empleados, gobernantes o tenéis influencia en la política; vosotros todos, autorizandolo con vuestra adhesión mentida, con vuestras concesiones cobardes, con vuestros cálculos egoístas, sacrificando el porvenir de vuestros hijos y de las generaciones futuras, para pasarlo *tranquilos* mientras vivís. (Bilbao, 1988: 228).

Conforme sua perspectiva, os responsáveis pelo “atraso” e a exclusão social foram as elites governantes que, ao se unirem à Igreja e aos jesuítas, deixaram de educar a população, mantendo-a na ignorância. Bilbao questionava os ditos “ilustrados” por sua insistência em culpar o povo pelos males da América, enquanto eles teriam sido quem fugira de suas responsabilidades. Sobre essa questão, há diferenças notórias no ponto de vista do autor, se compararmos este com seu primeiro livro analisado, *Sociabilidad Chilena*. Como vimos, ele tinha identificado as populações do interior e os indígenas como a base social da contra-revolução, devido aos seus apegos a *creencias* antigas, marcadas pelo autoritarismo e “barbárie” da colonização espanhola. Neste outro contexto, Bilbao responsabilizou exclusivamente os “ilustrados” pelas mazelas dos países latino-americanos.

O intelectual chileno ainda argumentava que a América deveria, inevitavelmente, romper com o dualismo, optando ou pelo catolicismo ou pela liberdade, como já teriam feito os Estados Unidos. Estes foram retratados como

artífices da opção republicana e construtores da liberdade política, retrato diferente daquele do texto anterior, em que Bilbao criticou os norte-americanos, conforme já analisamos.

O problema do elemento moral, apontado como terceira “causa” da vulnerabilidade latino-americana, seria conseqüente da segunda: a união com o catolicismo teria levado ao egoísmo, ao fim dos direitos individuais, ao apego pelo poder, a práticas de fraudes no exercício do sufrágio e ao engodo político. Quanto a esse ponto, o autor chegou à percepção de que na América:

El conservador se llama progresista.

El liberal hace protestas de católico.

El católico jura por la libertad.

El democrata invoca la dictadura, como los rebeldes de Estados Unidos y defiende la esclavatura.

El retrógrado demuestra que quiere la reforma. (Bilbao, 1988: 242).

Nesse ponto, não podemos deixar de fazer uma relação com imagens da América Latina, muito recorrentes nos tempos atuais, como um subcontinente onde as idéias estariam “fora do lugar”, onde as aparências ocultam as essências e, especialmente, onde as ações dos políticos não condizem com suas ideologias. No século XIX, Bilbao já tinha percebido certas peculiaridades na cultura política dos latino-americanos.

Segundo o ponto de vista de nosso autor, o inimigo externo invadira a América devido às vulnerabilidades do subcontinente, ou seja, seriam os próprios latino-americanos que o teriam chamado. A radical mudança na análise de Bilbao, se a comparamos com a do texto anterior, deve-se às distintas conjunturas em que ambos foram escritos. Quando escreveu *El Congreso Normal Americano*, o autor estava exilado na Europa, ambiente em que uma representação idealizada do distante lugar de origem explica-se pelo intuito de reunir os conterrâneos em mesma situação na Europa. Já ao redigir *La América en peligro*, em contrapartida, Bilbao estava radicado há cinco anos na Argentina, tomando parte das lutas políticas e ideológicas locais. Desde que chegara a Buenos Aires, nosso autor tinha-se integrado aos círculos intelectuais locais, em um sistemático trabalho de oposição aos liberais portenhos. Dessa forma, o intelectual chileno posicionou-se ao lado de Urquiza e da Confederação, contra o separatismo da província de Buenos Aires. O momento de publicação de *La América en peligro* coincidiu com a derrota de Urquiza frente a Mitre, demarcando o

início do processo de unidade nacional fortemente centralizada por Buenos Aires⁶. Nesse contexto, entendemos que a obra de Bilbao não é apenas uma denúncia da intervenção francesa no México, mas também uma crítica às práticas das elites liberais que então ascendiam ao poder na Argentina.

Nesse livro, Bilbao não apenas procurou retratar a América de forma mais realista, apontando as responsabilidades das elites liberais, como também propôs alternativas para resolver a situação, diferentes das propostas dos então dirigentes políticos. Como solução, nosso autor conclamou pelo rompimento com o catolicismo, tarefa que ele previa como difícil e longa. Sobre este aspecto, mais uma diferença em relação aos textos anteriores, em que Bilbao apontava a simples aplicação de uma nova *creencia* ou a mera convocação de um Congresso para dar continuidade à revolução ou unificar os americanos, resolvendo, assim, todos os males. Nesse último livro, ao contrário, nosso autor reconhece que as soluções para os problemas demandariam dificuldades de várias ordens. Porém, ainda calcado pelo idealismo e mesclando religiosidade com ação política, Bilbao via na aplicação da justiça, de forma sincera e convicta, a resolução dos problemas latino-americanos. O processo iniciaria por atitudes individuais, passando por ações coletivas, políticas e sociais.

Embora Bilbao apontasse a incompatibilidade entre catolicismo e republicanismo, ele não via problemas em conciliar religiosidade com política. Para ele, a Igreja Católica seria diferente, ou melhor, contraposta à religiosidade. Uma verdadeira fé religiosa implicaria um pleno sentimento de justiça, o que seria, segundo a ótica do autor, plenamente condizente com a ação cidadã republicana. Aplicar justiça significaria ser racional. No plano político, a meta final seria o pleno estabelecimento de uma associação. Nesse caso, um conjunto de indivíduos, imbuídos de sentimentos de justiça, formaria uma verdadeira associação, concretização plena do republicanismo.

Durante sua carreira intelectual, Bilbao construiu uma utopia para o funcionamento político e social dos países latino-americanos. O autor aspirava a

⁶ Sobre a inserção de Bilbao nos círculos intelectuais portenhos, ver Eduardo Luis Duhalde. *Contra Mitre. Los intelectuales y el poder: de Caseros al 80*. Buenos Aires: Punto Crítico, 2005. Conforme o autor, o intelectual chileno integrou a “Geração dos 60”, conjunto de intelectuais de diversos matizes ideológicos, mas que combatiam os setores identificados com os interesses políticos e econômicos da província de Buenos Aires. Este grupo de intelectuais combateu especialmente a Mitre que, como primeiro presidente constitucional de toda a Argentina, implementou o projeto centralizador portenho a partir de 1862.

uma sociedade justa, em que todos tivessem acesso à educação e à cidadania e pensassem no bem comum, acima dos interesses particulares. A associação igualitária de cidadãos, sob profundo sentimento religioso, contra a Igreja Católica e os regimes políticos autoritários, era uma proposta política que ia na contramão dos regimes liberais excludentes, que se consolidavam em meados do século XIX. Estes regimes, além das concepções ideológicas já apontadas, que viam o futuro da América com pessimismo caso não se “civilizasse”, promoveram a inserção do subcontinente, de forma dependente, no mundo industrial que surgia, como consumidor de produtos industrializados e fornecedor de matérias-primas e gêneros agro-pecuários.

A conquista da associação, através do rompimento com o catolicismo, e da afirmação da razão, seria a “segunda grande era da América”, que o autor esperava ser mais gloriosa e fecunda do que a da independência. Nesse aspecto, Bilbao dava continuidade a suas idéias do texto anterior, de unir os latino-americanos em uma grande Confederação. Sobre essa questão, o autor continuava insistindo na unidade do continente, diferente da grande maioria dos intelectuais e das elites dirigentes latino-americanas, que cada vez mais se voltavam para a construção das nações, acentuando a fragmentação da América Latina. Para Bilbao, em contraposição, a verdadeira e almejada “nação” ainda era a América unida.

* * *

Ao longo deste artigo, analisamos algumas obras da produção intelectual do chileno Francisco Bilbao, correspondentes a diferentes momentos de sua trajetória. Centrando nossa análise nas representações de América, pudemos constatar as mudanças no pensamento do autor.

Em sua primeira obra, Bilbao teve um olhar crítico à América Latina, embora enfatizando o caso particular do Chile. Fundamentalmente, identificou que o processo de revolução da independência teria ficado “a meio caminho”, já que as transformações sociais não vieram junto ao rompimento com a Espanha. Também viu na manutenção de hábitos, costumes e mentalidades do passado, especialmente nas regiões interioranas e entre os indígenas, os elementos propulsores de uma contra-revolução, caracterizada pela ascensão de um regime autoritário e conservador. Já em suas obras seguintes, o intelectual chileno ampliou sua ótica de análise para o conjunto da América Latina. Nas duas outras obras analisadas, percebemos que ele oscilou entre uma idealização da América Latina na época de seu exílio, contrapondo os sul-americanos aos vizinhos do norte, e uma análise

crítica da sociedade de nosso subcontinente, quando estava radicado na Argentina. Em suas críticas, denunciou o que ele percebeu como uma tentativa de conciliação entre catolicismo e republicanismo como o fator principal dos males da sociedade latino-americana. O chileno responsabilizou as elites dirigentes locais pela situação de então, propondo o rompimento com o catolicismo e a plena aplicação do republicanismo como soluções para o problema.

As diferenças nas perspectivas de Bilbao sobre a América nos três textos analisados devem-se a diferentes contextos históricos em que foram produzidos, que também coincidiram com distintos momentos da trajetória do autor. Quando da publicação de seu primeiro livro, o processo de independência ainda era bastante recente e os Estados nacionais estavam em construção. No caso particular do Chile, um regime conservador estava conquistando hegemonia, daí as duras críticas do autor ao processo político do país. Naquele momento, Bilbao era ainda um liberal, com tendências a um radicalismo, já que queria a extensão dos direitos a todas as pessoas. Posteriormente, ele passou por diversos períodos de exílio, protagonizando uma vida cosmopolita, tanto na Europa como em outros países na América Latina, incluindo os últimos anos, quando se radicou na Argentina. Dessa forma, o intelectual chileno teve contato com latino-americanos de diversos países, além de europeus, o que naturalmente contribuiu para sua perspectiva de pensar a América em sua unidade. Os últimos escritos de nosso autor foram produzidos em meados do século XIX, momento em que as elites liberais ascendiam ao poder, dando início ao período da consolidação dos Estados nacionais e da inserção da América Latina no mundo industrializado. Dessa forma, tornam-se compreensíveis as críticas do intelectual chileno às elites dirigentes, sua contraposição aos regimes liberais excludentes e sua ferrenha proposta de união latino-americana.

Bilbao foi essencialmente um tipo de intelectual que escrevia contra o poder, na oposição aos modelos de sociedade hegemônicos em sua época, propondo, em contrapartida, alternativas utópicas, imbuídas de um igualitarismo radical e crença na concretização de uma associação autenticamente republicana. A análise de suas obras é uma demonstração de que havia, em meados do século XIX, propostas e projetos alternativos para os países latino-americanos. Percebemos que setores das populações pensavam com otimismo na América, almejando uma sociedade mais justa, igualitária e plenamente republicana. Nesse sentido, embora vencedores, os projetos das elites liberais, que impuseram uma visão pessimista e preconceituosa do subcontinente e de seus habitantes, estavam longe de serem os únicos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Abramson, Pierre-Luc. *Las utopías sociales en América Latina en el siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- Baczko, Bronislaw. Utopia. In: *Enciclopédia Einaudi*. V. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 333-396.
- Bethell, Leslie. (org.). *História da América Latina. Vol. 3: da Independência até 1870*. São Paulo/Brasília: Edusp/Imprensa Oficial/ Funag, 2001.
- Bilbao, Francisco. La América en peligro. In: *El evangelio americano*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988, p. 187-271 [1862].
- _____. El Congreso Normal Americano. In: *El evangelio americano*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988, p. 273-289 [1856].
- _____. Sociabilidad Chilena. In: *El evangelio americano*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988, p. 3-37 [1844].
- Chartier, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- Chiaramonte, José Carlos. *Ciudades, provincias, Estados: orígenes de la Nación Argentina (1800-1846)*. Buenos Aires: Ariel, 1997.
- _____. *El mito de los orígenes en la historiografía latinoamericana*. Cuadernos del Instituto Ravignani, n. 2. Buenos Aires: Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani, 1991.
- Collier, Simon. O Chile da independência à Guerra do Pacífico. In: Bethell, Leslie. (org.). *História da América Latina. Vol. 3: da Independência até 1870*. São Paulo/Brasília: Edusp/Imprensa Oficial/ Funag, 2001, p. 591-624.
- Darnton, Robert. *O beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- Donoso, Armando. *Bilbao y su tiempo*. Santiago do Chile: Zig-Zag, 1913.
- _____. *El pensamiento vivo de Bilbao*. Santiago do Chile: Nascimento, 1940.
- Duhalde, Eduardo Luis. *Contra Mitre. Los intelectuales y el poder: de Caseros al 80*. Buenos Aires: Punto Crítico, 2005.
- González Bernaldo, Pilar. La “identidad nacional” en el Río de la Plata post-colonial: continuidades y rupturas con el antiguo régimen.” In: *Anuario del IEHS “Prof. Juan C. Grosso”*, n. 12. Tandil: Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 1997, p. 109-122.
- Gorostegui de Torres, Haydée. *La organización nacional: historia argentina*, t. 4. 3. ed. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- Halperin Donghi, Tulio. *De la revolución de independencia a la confederación rosista: historia argentina*, t. 3. 4. ed. Buenos Aires: Paidós, 1993.
- Prado, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo/Bauru: Edusp/Edusc, 1999.
- _____. *A formação das nações latino-americanas: anticolonialismo, antiimperialismo: constituição das oligarquias: a América Latina é livre?* 3. ed. S. Paulo/Campinas: Atual/Unicamp, 1987.

- Rama, Carlos M. *Utopismo socialista (1830-1893)*. 2. ed. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.
- Romero, José Luis. *Las ideas políticas en Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1987 [1946].
- Sarmiento, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1997 [1845].
- Scheidt, Eduardo. Cidades, intelectuais e nação no Rio da Prata em meados do século XIX. In: Moura, Ana Maria e Sena Filho, Nelson (orgs.). *Cidades: relações de poder e cultura urbana*. Goiânia, Ed. Vieira, 2005, p. 193-220.
- _____. A crítica da “geração de 1837” às experiências republicanas rio-platenses. In: *História Unisinos. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos*. São Leopoldo., v. 6, n.º 5, 2002, p. 175-188.
- _____. Representações de América nas obras dos intelectuais utópicos Esteban Echeverría e Francisco Bilbao. In: Santos, Cláudia Andrade dos e Sena Filho, Nelson (org.). *Estudos de política e cultura: novos olhares*. Goiânia, Ed. Vieira, 2006, p. 107-123.
- _____. *Representações de nação por periodistas italianos na Região Platina*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2004.